



Relatório Expandido - PIBIC/SAE

Título: CORPO-LEVANTE: um estudo de composição coreográfica entre corpo e imagem

Orientando: Henrique Cesar Hokamura Silva - R.A 174514

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Rodriguez Costas

Instituição: Departamento de Artes Corporais – INSTITUTO DE ARTES – UNICAMP

Instituição Financiadora: Pibic/Sae

Vigência: Agosto 2019 / Setembro 2020

O projeto ‘CORPO-LEVANTE: um estudo de composição coreográfica entre corpo e imagem’ é a continuação da iniciação científica ‘CORPO-IMAGEM! CORPO-IMAGEM?: uma investigação coreográfica’, na qual o objetivo foi desenvolver um processo criativo a partir do diálogo entre imagens e dança, tendo como escolha as fotos e vídeos do portfólio *Por gestos* (intensos) da exposição Levantes, que contou com a curadoria de Georges Didi-Huberman. A exposição Levantes ocorreu no Sesc Pinheiros entre os meses de outubro de 2017 e janeiro de 2018 e era dividida em cinco partes que chamarei aqui de portfólios. Eram eles: *Por elementos* (desencadeados), *Por gestos* (intensos), *Por palavras* (exclamadas), *Por conflitos* (abrasados), *Por desejos* (indestrutíveis). Cada portfólio abordava um subtema diferente dentro do universo dos levantes; conversando com a minha orientadora decidimos escolher um desses subtemas como recorte para esta primeira pesquisa, assim poderíamos aprofundar a investigação. O portfólio escolhido foi *Por gestos* (intensos); a escolha teve relação com o assunto abordado nas imagens, que eram em sua maioria gestos que poderiam ser utilizados para o início de improvisações em dança. Ao final da pesquisa tinha se desenvolvido um conjunto de movimentações de quedas e recuperações, entendidos na dança como a troca rápida do nível baixo para o nível alto e vice e versa, que configurou uma corporeidade que denominei de “corpo pré-levante”. Por que Pré-levante? Entendi que faltava tensionamento e conflito para este estado corporal se tornar um “corpo-levante”. Na busca de desenvolver esta corporeidade propus este projeto, que teve como um dos objetivos analisar as imagens do portfólio *Por conflitos* (abrasados) devido ao caráter de enfrentamento que as imagens apresentam. Importante ressaltar, que o trabalho de análise das imagens foi utilizado para a sensibilização imagética que por consequência estimulou a movimentação do corpo.

Os objetivos da pesquisa atual eram: [1] aprimoramento de conhecimentos composicionais coreográficos; [2] estudar a potencialização do “corpo pré-levante” a partir da relação entre o portfólio *Por gestos* (intensos) e o portfólio *Por conflitos* (abrasados) da exposição Levantes; [3] o aprofundamento do uso de ferramentas para práticas criativas [4] pensar a relação entre corpo-objeto, a partir da análise do portfólio *Por conflitos* e [5] apresentação pública da dança solo criada.

Esses objetivos seriam trabalhados na sala do Departamento de Artes Corporais da Unicamp (DACO), porém devido a pandemia da Covid 19 o departamento permaneceu e ainda está fechado. Sendo assim necessitei realizar os laboratórios criativos em casa. Com essa mudança de espaço laboratorial as metodologias de trabalho foram construídas de modo contextualizado às novas condições. Do mesmo modo, a apresentação pública e presencial da dança solo criada não foi possível de ser realizada devido às medidas sanitárias indicadas pela organização mundial da saúde que adverte ambientes aglomerados, assim, optou-se por realizar a apresentação de modo virtual. A relação entre corpo-objeto foi vivenciada a partir de reflexões sobre a representação da negritude, o que me levou a abordar a discussão sobre o olhar e o sorriso como gesto de resistência proposto por Hooks (2019), assim criei um acessório que consiste em uma tiara prateada com uma corrente dourada fina que utilizo sob os olhos para enfatizar o olhar em cena. As práticas criativas tiveram como fundamentação as abordagens somáticas de sensibilização que construíram matrizes corporais¹ de investigação que serão explicitada mais adiante. A potencialização do “corpo pré-levante” para o “corpo-levante” foi fundamentada na discussão que identifica a importância de se criar novas imagens da negritude (HOOKS, 2019) e as diversas formas como um levante pode se manifestar (DIDI-HUBERMAN, 2017), sendo assim, pesquisar novas representações da negritude na dança contemporânea fora dos olhares estereotipados da sociedade foi o ato de levante em que me apoiei. Tendo em vista que a apresentação se deu por meio remoto e em vídeo, o aprimoramento de conhecimentos composicionais coreográficos expandiu o limite da cena e abarcou também o processo de edição em linguagem audiovisual; neste caso, trabalhei com a composição das imagens utilizando-se de cortes, sobreposições e alguns efeitos, entre outros.

¹ Segundo Lambert (2010, p.188), matrizes de movimento são “um conjunto formado por ideias corporais que reaparecem em resposta a investigação sensível e aos questionamentos temáticos alimentados pelo artista que dança”



De modo articulado à pesquisa artística da linguagem da dança, reflexões acerca da imagem da representação da negritude em cena se intensificaram na pesquisa, tais questões surgiram da leitura de Hooks (2019) e foram discutidas no decorrer do relatório. Essas questões se tornaram tão centrais na pesquisa que foram canalizadas para um projeto de mestrado aprovado no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Unicamp (PPGAC/Unicamp).

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto teve como principais referências os catálogos da exposição Levantes (2017) e o livro Olhares negros: raça e representação (HOOKS, 2019). O catálogo foi o material em que eu pude analisar as fotos da exposição, visto que este foi um evento itinerante que ficou em cartaz de outubro de 2017 a janeiro de 2018. Além do registro das obras, o catálogo contém os ensaios Levantes (BUTLER, 2017), Acontecimento Levante (NEGRI, 2017) e Para os que estão no mar (MONDZAIN, 2017) acerca da temática dos levantes que auxiliaram no entendimento conceitual do que seria um ato/gesto levante. Vale ressaltar que meu interesse em escolher a exposição como universo temático da pesquisa foi motivado por seu propósito central: movimentos, gestos e ações que pretendem de algum modo ir contra a uma forma opressora de poder.

O livro de Hooks (2019) surgiu na atual pesquisa como reverberação do resultado da pesquisa anterior 'CORPO-IMAGEM! CORPO-IMAGEM?: uma investigação coreográfica', em que surgiu o interesse de entender as representações da negritude em cena. Na primeira pesquisa de iniciação científica, um dos objetivos era observar como o público descreveria, por meio de imagens, a minha dança solo após assisti-la. Para isso pedi ao público que completassem com alguma outra palavra um pedaço de papel distribuído logo após a apresentação em que já estava escrita a palavra CORPO seguida de um hífen. A proposta é que a palavra inserida pudesse resumir as imagens mentais que os perpassaram durante a apresentação. Dentro destas respostas três me chamaram a atenção por relacionar este universo imagético dos levantes com questões que envolvem relações raciais, foram elas: CORPO-da história do afrodescendente, CORPO-negro e CORPO-preto.



Fundação Cultural Palmares². As visitas ocorreram em abril e auxiliaram na contextualização histórica do reino de Daomé, Nubia; os impérios Cartaginês, Axum; e também nas referências visuais dos artefatos da época. A visualidade e os textos esclareceram que esses reinados eram portadores de grandes riquezas; tendo essa percepção em mente atentei para trazer ao meu trabalho elementos que representassem esta riqueza.

Me fundamentei então na visualidade poética da cor dourada e no aspecto do brilho e montei assim um acessório, a princípio improvisado, com tais características simbólicas. O acessório consiste em uma tiara prateada e em seu interior perpassa uma corrente fina dourada. Ajusto a tiara sob os olhos de forma que as correntes caiam suspensas na lateral de cada olho e, nomeei esta imagem de lágrimas de ouro. Que seriam literalmente lágrimas de ouro escorrendo pelo rosto e que somem e aparecem de acordo com movimento das mãos que as pegam e as soltam. Depois de ter inserido essa referência simples, porém de grande expressividade poética, de riqueza, me atentei ao



²Links de acesso dos materiais consultados.

Museu Afro: <http://www.museuafrobrasil.org.br/acervo-digital>

MAFRO: <http://www.mafro.ceao.ufba.br/pt-br/exposicoes-longa-duracao>

Fundação Cultural Palmares: <http://www.palmares.gov.br/?s=imperio+africano>



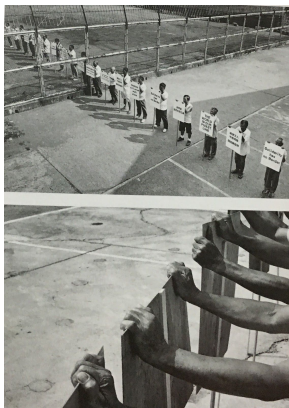
trabalho corporal da pesquisa, que tinha agora também a presença do objeto a ser levado em consideração.

Na busca de entender melhor os métodos de sensibilização corporal, li nos meses de abril e maio a tese *As contribuições das abordagens somáticas na construção de saberes sensíveis da dança* (COSTAS, 2010) que explica os conceitos de sentido, sensação, sensibilidade, sensibilização, experiência e percepção, todos muito presentes nas artes mas por vezes confundidos devido a linha tênue e subjetiva que os separam. Tais entendimentos foram imprescindíveis para eu entender e guiar o trabalho de sensibilização corporal através das imagens. Segundo Costas (2010) é possível entender a sensibilização como: [...] preparação destinada a acordar os sentidos, por exemplo, um simples espreguiçamento do corpo, que, quando realizado com atenção à pele e aos movimentos articulares, pode significar uma estimulação na somestesia, acionando as modalidades do tato e da propriocepção. (COSTAS, 2010, p. 45)

A somestesia é a capacidade que as pessoas e os animais possuem de receber informações sobre as diferentes partes do seu corpo, uma modalidade sensorial constituída de quatro submodalidades principais: o tato, a propriocepção, a termossensibilidade e a dor. A propriocepção por sua vez é a capacidade de percepção do próprio corpo — o que a diferencia da exterocepção que é a capacidade de perceber estímulos externos e da interocepção que é a capacidade de perceber os estímulos internos, oriundos das vísceras (COSTAS, 2010).

A percepção começa quando uma forma qualquer de energia incide sobre as interfaces entre o corpo e o ambiente, sejam elas externas ou internas. Nessas interfaces se localizam células especiais capazes de traduzir a linguagem do ambiente para a linguagem do sistema nervoso: os receptores sensoriais. São eles que definem o que comumente chamamos de sentidos: visão, audição, sensibilidade corporal, olfação e gustação. Mas nosso cérebro é capaz de sentir muitos mais – consciente e inconscientemente – do que esses cinco sentidos clássicos permitem supor (LENT, 2005, p. 168 apud COSTAS, 2010, p. 41). Porém, nem tudo que sentimos é percebido conscientemente. Por isso o trabalho de sensibilização se faz tão importante para a prática artística. Nem toda informação sensorial resulta em percepção, tornando-se consciente. Nem todos os estímulos ambientais chegam a nós pelas sensações, pois ocorre um processo de filtragem dessas sensações por meio dos mecanismos de atenção, emoção, sono e outros (LENT, 2005). A percepção é um fenômeno mais seletivo que os sentidos, ou seja, o sistema nervoso tem mecanismos para bloquear as informações sensoriais irrelevantes a cada momento da vida; da mesma forma, assim como podemos bloquear, podemos também dirigir, selecionar e focalizar nossa atenção a certos estímulos e, portanto, colocar em destaque certas modalidades sensoriais. (COSTAS, 2010, p. 46)

Tendo em vista que meu objeto de estudo foram imagens, o sentido mais utilizado para a sensibilização foi a visão. Observei as imagens na busca por gestos ou elementos que me despertassem um mote criativo. Porém notei que não estava havendo uma sensibilização do olhar para conseguir perceber de fato as potencialidades dessas imagens. Percebido isto comecei a fazer um trabalho de respiração como método de sensibilização. O processo era simples, mas rendeu resultados positivos. Fechava meus olhos aproximadamente por dez minutos tentando esvaziar a mente e então abria eles lentamente e focava em uma das imagens que mais me chamava a atenção, focava nesta imagem sem pensar em interpretá-la, apenas observava seus elementos, e então ia deixando a imagem me afetar sem necessariamente atribuir um significado, contexto ou nomear este estado de afetação. Por fim, fechava os olhos novamente e ia deixando este estado se transformar em movimento, e então sim, o nomeava. Tome como exemplo a figura 3, em que o que mais me chamou a atenção foram as linhas retas no chão, as linhas retas que constituem as grades de metal e os gestos das mãos segurando as placas. No corpo essas imagens reverberaram com movimentos de mãos e braços fluidos e rápidos que insinuavam o gesto de desenhar e abrir o espaço. Essa matriz de movimento nomeei *abrir caminhos*.



Juntamente com a pesquisa de iniciação científica, eu estava cursando a disciplina *Poéticas da Cena* do curso de dança da Unicamp ministrada pela Profª Dra Marisa Lambert. Nesta, estudamos a partir de laboratórios teóricos-práticos assuntos referentes à análise de movimento e práticas de percepção. Durante a disciplina entramos em contato com a pesquisa do analista de movimento Hubert Godard. Entre os vários textos do autor o que mais me chamou a atenção foi a entrevista *Olhar Cego* (2004) realizada por Suely Rolnik. Nesta entrevista o autor comenta sobre os estudos de neurofisiologia que explicam as duas formas de olhar. O olhar cortical, associado à linguagem, um olhar objetificante; e o olhar subcortical, que se funde no contexto, em que não há um sujeito e um objeto, que não está ligado a uma memória e que não está ligado a história do sujeito, sendo assim permite que o observador participe completamente das coisas do mundo, antes de engessá-las numa interpretação.

A partir desta conceituação surgiram algumas reflexões importantes: [1] se a neurose do olhar faz com que associemos os elementos do mundo sempre da mesma maneira (GODARD, 2014); [2] se



somos bombardeados por imagens profundamente negativas do que é ser negro: imagens que atacam a psique de todos. (HOOKS, 2019); e se [3] o público estaria embutido com esta neurose do olhar e procuraria associar a presença do intérprete-criador em cena a uma imagem ou narrativa negativa? Negativa no sentido repressão, escravidão, submissão, “selvagem”.



Neste sentido pensei em desenvolver uma pequena atividade de percepção a fim de sensibilizar um pouco o olhar do público antes da apresentação. Não com a intenção de quebrar a neurose do olhar, até porque isso não seria possível em alguns minutos. A proposta vai mais de encontro em apurar, mesmo que minimamente, a percepção do público antes de assistir a “obra”. Em conversa com minha orientadora decidimos que essa sensibilização seria relacionada com as práticas de sensibilização que utilizei para minhas próprias investigações, exemplificada anteriormente. Nos meses de junho, julho e agosto os laboratórios e encontros remotos com a orientadora continuaram e fomos aprimorando as corporeidades investigadas. Em uma das nossas reuniões discutimos qual seria o melhor método de apresentar os resultados para o público, através de uma *live*, ou gravar vídeos da pesquisa, editar e apresentar para alguns convidados em uma sala de reunião pelo aplicativo zoom. Optamos pelo segundo método por ser possível ter uma visualização da dança-solo apresentada de diversos ângulos diferentes, sendo possível também focar em detalhes de gestos e elementos como o olhar e sorrir que fizeram parte da pesquisa. Sendo assim gravei vídeos do material coreográfico pesquisado durante esses meses de pesquisa e editei eles no *software* filmora. Durante a edição aproveitei para trabalhar as possibilidades de composições

visuais que o vídeo oferece, como por exemplo a sobreposição de imagens, cortes de partes específicas do corpo, pausa em *frames* selecionados entre outros elementos. A atividade de sensibilização que propus ao público antes do início do vídeo em que apresentei a pesquisa de linguagem e as matrizes corporais resultantes da pesquisa, consistiu em um exercício de observação praticado por mim durante o processo criativo. Gravei pelo gravador de áudio do celular e depois inseri no início do vídeo um áudio com indicações para os participantes seguirem. Foram instruções simples como fechar os olhos, sentar de maneira confortável na cadeira, olhar a imagem que estava presente na tela fixamente com um olhar passivo, ou seja, um olhar generoso que deixa a imagem falar por si ao invés de bloquear sua subjetividade em uma narrativa pré estabelecida. Feito este trabalho de sensibilização o vídeo³ começou logo a seguir.

RESULTADOS

Dentro da pesquisa de linguagens foi observado que as abordagens somáticas contribuíram com o estudo ao potencializar a preparação corporal de sensibilização. As imagens observadas tiveram seu universo imagético ampliado devido a este processo sensibilizador. Interessante notar que as discussões levantadas sobre negritude, arte e contexto pensadas em um primeiro momento para um espaço cênico tradicional foram resolvidas, ou melhor, ampliadas, para o espaço virtual em vídeo. E isto, possibilitou a maior utilização da pausa do corpo como elemento compositivo. Pausa pensada aqui como o fazer-se do corpo uma imagem.

Aliado a esta ideia de enfatizar o corpo enquanto uma imagem, a pesquisa entrou nas discussões da representação da negritude em cena. A fim de desvincular uma possível associação do corpo negro como um corpo agressivo, os repertórios gestuais e matrizes corporais sofreram modificações para uma gestualidade que levou mais em conta a delicadeza dos gestos. Uma busca por aquilo que intitulei de violência poética. Esses gestos foram alcançados através de um avanço metodológico de análise do movimento na pesquisa. Um exemplo desses gestos foi apresentado na introdução do relatório como lágrimas de ouro.

Nesse sentido houve uma ressignificação do CORPO-LEVANTE para um CORPO-LEVANTE-NEGRO. E todo conflito da pesquisa se encontrou neste adjetivo final. Pois se antes eu pensava em um corpo-levante como sendo um corpo agressivo a fim de ir contra um forma opressora de poder, agora penso que essa agressividade na verdade pode ser uma ferramenta de manutenção simbólica de tais opressões para o corpo negro, pois coloca-o em um estatuto de agressividade sob uma perspectiva pejorativa. O negro como violento, irracional e selvagem (FANON, 2008). Sendo assim, a busca por essa violência simbólica foi um dos motes impulsionadores da procura da gestualidade delicada que ao mesmo tempo carrega, simbolicamente, um forte

³ Link de acesso ao vídeo apresentado aos participantes.

<https://drive.google.com/drive/u/2/folders/1vo9UqgWPIBhKxkjFuY1JIV11gOe6qwyY>



sentimento de oposição. O CORPO-LEVANTE-NEGRO visto então como um corpo permeado de riqueza, magnitude e delicadeza.

A presença da riqueza dentro da pesquisa se deu de maneira simbólica por meio do uso do objeto-acessório e as relações gesto-objeto. Me fundamentei na visualidade poética da cor dourada e no aspecto do brilho para montar um acessório que utilizei sob os olhos. O acessório por sua vez não teve apenas uma função estética dentro da pesquisa, ao me relacionar com ele percebi que os movimentos de balanço das correntes suspensas ao lado dos olhos reverberam também no corpo, causando assim uma gestualidade trêmula da coluna vertebral. Se mergulharmos no universo imaginário dos levantes temos que o tremor é o acontecimento dos terremotos, que por sua vez são forças vinda da natureza que não há possibilidade de controle. Didi-hubermam (2017) no primeiro portfólio da exposição Levantes, *Por elementos* (desencadeados), cita os elementos da natureza (furacões, terremotos, tsunamis) como um grande exemplo de levante. Pois não há força humana nenhuma que consiga parar as forças da natureza quando elas se manifestam em toda sua magnitude.

Ao articular a discussão do analista do movimento Hubert Godard (2004) sobre os estudos dos olhares corticais e subcorticais, olhar cego, aos estudos de hooks (2019) sobre a representação da negritude pela mídia, é possível traçar uma linha de raciocínio em que é possível observar a importância dos estudos de percepção na luta antirracista. Ao utilizar a percepção e a prática dos sentidos para desatar a forma estereotipada da negritude criada no imaginário coletivo influenciado pelos meios de comunicação.

O resultado artístico do vídeo foi apresentado pelo aplicativo *google meet* no dia vinte e três de setembro em uma sala com aproximadamente dezesseis pessoas que se interessaram em participar do compartilhamento do processo divulgado por instagram e whatsapp. No encontro a orientadora do projeto Profa Dra Ana Terra realizou uma fala de abertura explicando o contexto do projeto, após sua fala eu informei aos participantes como o encontro foi organizado. Compartilhei um link do drive onde o vídeo estava disponibilizado para visualização, o vídeo tinha em torno de dezessete minutos, sendo que os primeiros seis minutos foram a prática de sensibilização visual citada a cima. Após assistir o vídeo os participantes retornaram a sala do *google meet* para a discussão da pesquisa, neste momento optei por deixar o público realizar as perguntas que gostariam e após as perguntas eu relatei as discussões e reflexões do projeto. A fim de relacionar os resultados finais da atual à pesquisa anterior, pedi que os participantes que se sentissem confortáveis escrevem no *chat* da reunião a palavra CORPO- seguida por uma outra palavra que representassem de certo modo a construção imagética que perpassam suas subjetividade. As palavras apresentadas no *chat* foram: corpo-sujeito, corpo-ancestral, corpo-lembrança, corpo-reverberação, corpo-cheio, corpo-perene, corpo-mágico, corpo-fortaleza, corpo-invadido, corpo-atravesado, corpo-broto, corpo-chama, corpo-infinito, corpo-impacto, corpo-rizoma e corpo-arcaico. Outro ponto que acho pertinente citar sobre as respostas do público foi a atenção ao olhar. O ato de olhar diretamente para câmera, segundo algumas participantes, aumentou a força da presença cênica.

BIBLIOGRAFIA

BUTLER, Judith. Levante. In: **LEVANTES**. DIDI-HUBERMAN, Georges (Org). São Paulo: Editora Sesc, 2017.

COSTAS, Ana Maria Rodriguez. **As contribuições das abordagens somáticas na construção de saberes sensíveis da dança: um estudo do projeto “Por que Lygia Clark?”**. 2010. 248 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. São Paulo: Editora Sesc, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

MONDZAIN, Marie-José. Para os que estão no mar In: **LEVANTES**. DIDI-HUBERMAN, Georges (Org). São Paulo: Editora Sesc, 2017.

ROLNIK, S. Olhar cego. **Entrevista com Hubert Godard**. Para a exposição “Lygia Clark, do objeto ao acontecimento: projeto de ativação de 26 anos de experimentação corporal.” Paris, 21 de julho de 2004.